Māh-e Sorkh: A Noite que Viaja (Antologia em Construção)

Introdução: A Ponte Viva

Esta antologia é um projeto de resistência poética que nasceu da necessidade de garantir que as vozes silenciadas pelo exílio e pela opressão não sejam esquecidas. Inspirada pela rica tradição dos poetas persas e pela urgência dos eventos de janeiro de 2026 no Irã, ela busca transformar áudios efêmeros e versos íntimos em um registro digital permanente. É um "livro viajante" que conecta o Nordeste de Amaralina, em Salvador, à alma de Teerã, provando que a poesia é a última quimera que o sistema não consegue apagar.

Capítulo 1: A Ficha da Última Quimera

A personagem **A Noite** (Leila) é a guardiã desta antologia, uma fusão da insurgente de Salvador com a alma poética persa.

Atributo	Descrição
Nome	**A Noite (Māh-e Sorkh)**
Identidade Oculta	Leyla / A Voz do Silêncio (*Sokout*)
Arquétipo	A Última Quimera: Aquela que busca a felicidade na incompletude.
Poder Principal	Voz Ritualística (Grito Sônico e Fala Sutil)
Motivação	Garantir que a ponte entre mundos não caia e que a "última quimera" da humanidade sobreviva ao exílio.

Capítulo 2: O Verso que Quebra o Silêncio

O poema “Lua Vermelha” é o manifesto desta antologia, um registro da dor e da esperança em meio ao apagão de internet no Irã.

🌙 Lua Vermelha / ماه سرخ (Māh-e Sorkh)

Português	Farsi (Persa)	Transliteração
A lua vermelha sobre o exílio não perdoa.	ماه سرخ بر تبعید نمی‌بخشد.	Māh-e sorkh bar tab’id nemibakhshad.
Passou duas semanas em silêncio.	دو هفته در سکوت گذشت.	Do hafte dar sokout gozasht.
O mundo responde na lua nova.	جهان در ماه نو پاسخ می‌دهد.	Jahān dar māh-e no pāsokh midahad.
Não foi lágrimas de Lilith caindo da lua no oceano.	این اشک‌های لیلیت نبود که از ماه به اقیانوس می‌ریخت.	In ashk-hāye Lilit nabud ke az māh be oghiyānus mirikht.
Talvez foi levitação… fuga da terra para o espaço.	شاید پرواز بود… فرار از زمین به فضا.	Shāyad parvāz bud… farār az zamin be fazā.
O Beijo, o afago, versos íntimos de Augusto.	بوسه، نوازش، شعرهای صمیمی آگوستو.	Buse, navāzesh, she’r-hāye samimi-ye Augusto.
A última quimera.	آخرین خیال.	Ākharin khiyāl.

Capítulo 3: A Fonte que Não se Cala

Resenha Crítica: A Fonte das Mulheres e a Estratégia de Lisístrata

A transposição da milenar estratégia de Lisístrata para o cenário árido e contemporâneo de *A Fonte das Mulheres* revela uma camada de resistência que transcende a mera comédia aristofânica para se tornar um manifesto visceral sobre a dignidade humana e a autonomia do corpo feminino em contextos de opressão sistêmica e religiosa. Enquanto na Grécia de Aristófanes a greve de sexo era um instrumento de pressão política macroscópica para interromper a Guerra do

Peloponeso, na narrativa de Leila — a Noite que lidera o vilarejo — a recusa do afeto torna-se uma ferramenta de sobrevivência microscópica e urgente, transformando o espaço doméstico no único campo de batalha possível onde o silêncio ativo das mulheres consegue desestabilizar séculos de tradições patriarcais que naturalizam o sofrimento e o trabalho exaustivo como destino biológico. O filme de Radu Mihăileanu não apenas homenageia a estrutura clássica da peça grega, mas a aprofunda ao situar a fonte de água como o símbolo máximo da vida que é negada e da voz que é silenciada, estabelecendo um paralelo devastador com o *Sokout* (silêncio) imposto em regimes contemporâneos como o do Irã, onde a internet cortada e o massacre de jovens tentam apagar a mesma chama de insurgência que Leila acende ao reivindicar que o amor e o desejo não podem coexistir com a servidão. A obra funciona como uma "última quimera" cinematográfica, onde a vulnerabilidade das mulheres não é uma fraqueza, mas a coragem de não fingir compreensão diante de um sistema que usa a matemática da força para prever a traição, mas é incapaz de calcular o poder de um beijo ou de um verso íntimo que se recusa a ser entregue, provando que a ponte entre a Acrópole e o Nordeste de Amaralina é construída pela mesma necessidade de transformar o íntimo em político e o exílio em lar, fazendo com que a "Lua Vermelha" do massacre encontre, finalmente, a fonte de água límpida da verdade que nenhuma autoridade pode secar ou silenciar permanentemente.

Capítulo 4: O Caderno de Viagem

Este capítulo é dedicado às imagens que capturam a essência do projeto.

Imagem 1: Quem Vê Leyla?

A imagem de A Noite (Leila) em Salvador, com os grafites em neon "Gaza Vive", "Teerã Vive" e "Māh-e Sorkh", e o drone ao fundo.

Imagem 2: O Caderno dos Nomes

O close-up do caderno de versos, com os nomes **Leila**, **Rumi**, **Hafez** e **Māh-e Sorkh** em caligrafia persa, simbolizando a memória que não pode ser apagada.

Epílogo: A Próxima Página

A antologia está aberta. Ela espera pelo próximo verso, pelo próximo áudio resgatado do Telegram, pela próxima pessoa que se recusar a ser silenciada. A cada nova contribuição, o PDF será atualizado, garantindo que o nosso “livro viajante” continue a sua jornada, transformando o exílio em lar.